

TRAJETÓRIAS INTELECTUAIS: Entrevista com Cristina Buarque e Helga Gahyva

Julho de 2010

Cristina Buarque e Helga Gahyva tornaram-se recentemente professoras adjuntas do curso de Ciências Sociais do IFCS/UFRJ. Nesta entrevista, elas nos contam sobre suas experiências de formação acadêmica e intelectual.

Vinculada ao Departamento de Ciência Política do IFCS/UFRJ desde 2008, Cristina Buarque é bacharel e licenciada em Ciências Sociais pela UFRJ (2000) e possui mestrado (2003) e doutorado (2007) em Ciência Política pelo IUPERJ, com período de extensão na Università Degli Studi di Padova, na Itália. Em 2009, sua tese de doutorado, intitulada “Modos da Representação Política: o experimento da Primeira República brasileira”, recebeu o Prêmio IUPERJ 2008 e foi publicada pela Editora UFMG.

Helga Gahyva, vinculada ao Departamento de Sociologia do IFCS/UFRJ desde 2009, possui graduação em Sociologia e Política pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1994) e mestrado (2002) e doutorado (2006) em Sociologia pelo IUPERJ. Com tese de doutorado intitulada “O inimigo do século: um estudo sobre Arthur de Gobineau (1816-1882)”, Helga Gahyva dedica-se a estudos nas áreas de Teoria Sociológica e Pensamento Social Brasileiro.

Revista Habitus: Vamos começar com a formação. Como foi a escolha do curso de Ciências Sociais?

Cristina Buarque: Aos 14 anos eu me filiei a um grupo de militância jovem do PDT e passei a fazer parte de uma rotina mais ou menos intensa de reuniões e atividades do partido. Todos os sábados nós nos encontrávamos por horas a fio e discutíamos sobre pautas variadas. Além das questões mais objetivas de organização partidária, também tratávamos de grandes temas nacionais. Eu era muito mais nova que os colegas do partido e me sentia muito contagiada por uma certa euforia megalômoana, que extravasava nas falas bem articuladas e cheias de convicção. Era como se pudéssemos definir ali os destinos do país. Era um momento de grande efervescência em torno da abertura democrática e o Brizola, depois das eleições de 89, parecia, aos olhos brizolistas, uma possibilidade real para um futuro político próximo. Aquilo era uma grande injeção de adrenalina para todos nós. Comecei nesta época a acumular leituras assistemáticas sobre política e sociedade, sempre com forte viés partidário. Aos poucos fui sentindo necessidade de conhecer outras perspectivas sobre os temas que me interessavam, pois tudo que vinha do partido me parecia muito cheio de certezas. E eu me perguntava: como era possível não ter dúvidas sobre questões tão complexas? Nesta época acho que comecei a alimentar a vontade de fazer da reflexão e da ação sobre as coisas da sociedade um caminho

profissional para mim. Não sabia bem como aquilo seria possível e a minha primeira idéia foi estudar direito para me tornar defensora pública.

Acho que fui demovida desta idéia pelo Bernardo, um primo um pouco mais velho que sempre foi uma espécie de referência pessoal e intelectual para mim. Ele estava concluindo a graduação em Ciências Sociais no IFCS na época em que eu estudava para o vestibular, ainda sem clareza sobre o que fazer. Ele me convidou para assistir uma aula no IFCS, eu gostei muito, fiquei muito fascinada pelo ambiente e decidi que era aquilo que eu deveria tentar, embora me sentisse ainda muito imatura para aquela escolha. De todo modo, achei que as Ciências Sociais tinham um currículo bastante amplo que me daria mobilidade para eventualmente migrar para outras áreas próximas de interesse. Entrei sem grande expectativa e o encantamento pelo curso veio depois, pouco a pouco, na medida em que eu avançava nas leituras, frequentava as aulas e convivia com meus colegas de geração. Era a época de privatização de grandes empresas estatais, no governo Fernando Henrique, e aquilo nos mobilizava para uma reflexão ampla sobre Estado e cidadania. Quando me formei, sentia-me muito bem com a escolha do curso, embora angustiada com a indefinição do futuro.

Helga Gahyva: Quando me fazem esta pergunta, costumo brincar dizendo que, na verdade, foi uma grande cagada! Ocorre que fiz vestibular muito nova, aos 15 anos. Não se trata de idade muito afeita a escolhas definitivas... Na verdade, até aproximadamente o início do pré-vestibular, minha idéia era cursar jornalismo. Mas estávamos no visceral ano de 1989. O Muro de Berlim havia caído há pouco e nós – brasileiros – nos preparávamos para a primeira eleição direta pós-ditadura. Respirava-se política. Foi ano de intensa movimentação estudantil e eu, no meio do furacão, comecei a perceber que talvez a Sociologia fosse uma escolha mais próxima a mim do que o jornalismo. É evidente que por trás dessa opção havia uma intenção muito mais prática do que teórica – como costuma acontecer com adolescentes entupidos de hormônios, desejosos de meter a mão na massa. A rigor, eu mal sabia com qual conteúdo me depararia em um curso de Ciências Sociais. Daí a tal cagada: comecei o curso praticamente às cegas e, em pouco tempo, descobri que aquela era minha praia. E cá estou até hoje.

Revista Habitus: Quais as principais diferenças e similitudes entre a sua época de graduação e a que vivemos hoje na graduação do IFCS?

Cristina Buarque: Não vejo diferenças significativas. Na minha época de graduação no IFCS - isto é, final dos anos 90 – já havia muitas possibilidades de pesquisa e bolsas para estudantes. Eu considero que isto tornou muito proveitosa a minha experiência de graduação e também a de boa parte dos meus colegas. Hoje em dia, os estudantes me parecem ter ainda mais oportunidades de pesquisa e trabalho com professores nas diferentes áreas, o que é uma possibilidade valiosa para complementar a formação profissional.

A principal diferença que eu identifico entre a minha geração e a de hoje é o fenômeno

recente de expansão da Universidade. O concurso que trouxe importante renovação do Departamento de Ciência Política da UFRJ, por exemplo, aconteceu depois de quase 20 anos sem abertura de vagas. Os estudantes têm hoje a oportunidade de conviver com diferentes gerações de professores, o que me parece uma experiência interessante.

Helga Gahya: A distinção que mais me chama atenção diz respeito à política. Éramos praticamente todos vinculados à esquerda. A memória da Ditadura Militar e dos tempos da Guerra Fria era ainda recente, e acho que boa parte daqueles jovens que, como eu, ingressaram naquele período em cursos de Ciências Sociais nutriam extrema expectativa quanto aos destinos políticos nacionais e internacionais. Aliada a essa postura de esquerda, uma outra que me parece relativamente modificada: éramos declaradamente ateus, ou, no máximo, agnósticos. Hoje não é raro um estudante de Sociologia se declarar – orgulhosamente, inclusive – eleitor do Serra e fazer promessa para São Judas Tadeu com o intuito de torná-lo nosso futuro presidente. Não estou sugerindo que nós éramos bacanas e que as novas gerações são equivocadas, apenas identificando uma diferença que me parece significativa. Um otimista, aliás, poderia dizer que hoje há mais diversidade do que outrora. Eu diria, a favor da galera atual, que vocês me parecem menos moralistas do que a minha geração. É claro que há os evangélicos, carismáticos e afins, mas entre aqueles que não abraçaram Jesus ou qualquer outro amigo imaginário vejo uma atitude saudável no sentido de superar a oposição entre hedonismo e engajamento – que, penso, minha geração, ainda que de modo menos intenso, herdou daquela que a precedeu.

Revista Habitus: Cristina, seu mestrado e doutorado foram em Ciência Política. Desde a graduação já estava claro que o caminho a seguir seria esse? Fale um pouco da experiência no IUPERJ, incluindo o motivo da escolha por essa instituição.

Cristina Buarque: Não... Este caminho nunca foi claro. Recentemente eu estive numa exposição do Charles Darwin e ele chama atenção para a importância do acaso na evolução das espécies. Acho que o mesmo se aplica às nossas trajetórias pessoais. Embora os meus caminhos profissionais pareçam muito “arrumadinhos”, eu não ousaria identificar neles uma seqüência lógica, perfeitamente coerente, de fatos. Toda construção de narrativa parece acolher a tentação desta busca de sentido, que Bourdieu chama de ilusão autobiográfica. Um olhar sincero para a minha trajetória profissional até aqui não poderia deixar de lado a dimensão do acaso.

Embora eu tenha optado pela Ciência Política na pós-graduação, transitei, nos anos da graduação, na Antropologia e na História e, por muito pouco, não fiquei por aí. Cheguei a cogitar fortemente a possibilidade de transferência para o curso de História, mas desisti por descobrir que isso adiaria muito a minha formatura.

Da minha estadia no Laboratório de Estudos do Tempo Presente, sob orientação do Professor Francisco Carlos Teixeira, herdei uma grande reverência pelo estudo da História. Na

minha tese de doutorado, enfrentei quilos (literalmente!) de fontes primárias e percebo nisso um sinal de vocação para historiadora à moda antiga, com apreço pelos papéis desgastados pelo tempo. Sou capaz de experimentar certa alegria quando entro num arquivo ou acervo de obras raras e sinto o cheiro dos fungos! E lamento a distância, não infrequente, entre os estudos da Política e da História. Acho que existe, na política, um certo vício de sincronia, isto é, de olhar para a cena institucional presente sem atenção a uma perspectiva diacrônica, histórica. Um desafio do cientista político, a meu ver, é resistir a esta embocadura.

Embora a minha aproximação com a política tenha acontecido sobretudo via envolvimento com a História, no Departamento de Ciência Política eu sempre tive grande entusiasmo com os cursos do Professor José de Brito Roque. Lembro bem das aulas sobre Hobbes, que foram muito impactantes para mim. Fiz duas ou três disciplinas eletivas com ele e fui firmando minha aproximação com a área.

Apesar disso, lembro bem da dúvida terrível que enfrentei ao escolher a área de concentração do mestrado. Tinha já grande inclinação para a Ciência Política, mas nenhuma convicção. Eu pensava também na História e na Sociologia como possibilidades. Eu havia apenas cursado uma disciplina eletiva com o Professor Gian Mario Giuliani sobre sociedade e meio ambiente e me sentia muito fascinada pelo tema. Minha escolha acabou sendo precipitada por definições da vida prática: eu me formei no meio do ano e a primeira turma do mestrado em Ciência Política do IFCS estava prevista para o mês de agosto. Os outros programas abririam edital apenas para ingresso no ano seguinte e eu ficaria seis meses “em suspenso”. Achei que valeria à pena usar este tempo para experimentar. E, de fato, aquele semestre letivo pareceu selar minha aproximação com a Ciência Política. Depois de cursar o primeiro período no IFCS, tentei a prova do IUPERJ e fui aprovada. Não foi uma escolha fácil ir para lá, pois eu já tinha, naquela altura, grande envolvimento com o IFCS. Apesar disso, mais uma dessas precipitações da vida prática me levou a definir o novo caminho: no IUPERJ eu havia sido contemplada com uma bolsa de estudos. Além disso, achei que seria interessante experimentar a vivência em outra instituição de ensino e ter também a possibilidade de seguir os estudos de política no doutorado.

Revista Habitus: Helga, seu mestrado e doutorado foram em Sociologia. A escolha por essa área já estava clara durante a graduação? Fale um pouco da experiência no IUPERJ, incluindo o motivo da escolha por essa instituição.

Helga Gahya: Acho que mais acima já respondi um pouco esta questão, entretanto minha trajetória não foi tão linear assim. Quando concluí minha graduação permaneci com a ideia de estudar Jornalismo. Atraía-me, especialmente, o Jornalismo Político. Cheguei a cursar uns dois ou três períodos, mas logo me entediei com tudo aquilo e mandei às favas. Foi um período de dúvidas – não em relação à permanência na Sociologia, mas à condução da carreira - no qual me voltei para a minha vida privada. Em um primeiro momento, o desejo saudável de curtir certa irresponsabilidade. Aos 20 anos, com um diploma na mão, achei que tinha o direito àquela dose

de loucuras que me havia sido “roubada” em função de meu ingresso precoce na graduação. Sim, acreditem, fui uma estudante bastante careta. Bom, aos 23 anos me casei e, nos dois anos seguintes, tive duas filhas. Aos 25, enfim, ingressei no IUPERJ. Eu adoraria discorrer sobre as nobres razões que me conduziram à rua da Matriz, mas a escolha foi orientada por critérios marcadamente pragmáticos. Com duas filhas pequenas, precisava estudar perto de casa – e moro, até hoje, a 15 minutos a pé do IUPERJ. Por outro lado, necessitava de bolsa, e lá ela era garantida. Bastou, entretanto, um semestre na instituição para eu perceber que havia feito a melhor escolha. O IUPERJ é um local simultaneamente acolhedor e intelectualmente instigante. Em outras palavras, lá tive a oportunidade de ser aluna de professores fantásticos – minha orientadora, Maria Alice Rezende de Carvalho, Werneck Vianna, César Guimarães, Renato Lessa entre outros – que contribuíram decisivamente para a minha formação. Além disso, lá travei amizades muito sólidas que me acompanham até hoje. Minhas filhas foram criadas correndo por aquele pátio e até hoje, quando tenho algo para resolver no Humaitá – moro do outro lado de Botafogo, em direção às bandas da Praia -, faço um *pit-stop* na instituição para tomar um café e me atualizar quanto às novidades.

Revista Habitus: Falem-nos um pouco sobre o ingresso na docência.

Cristina Buarque: Pouco depois de concluir o bacharelado em Ciências Sociais eu concluí também a licenciatura em Ciências Sociais. Naquela época, não havia grande incentivo para isso porque a Sociologia ainda não era disciplina obrigatória no Ensino Médio e apenas poucas escolas tinham este curso no currículo. Concluí a licenciatura, portanto, sem grande expectativa. Naquela época, eu não poderia esperar que ela seria, no final das contas, uma marca importante da minha vida profissional.

Assim que entrei na Graduação, alguns colegas me convidaram para participar de um núcleo do Pré-Vestibular para Negros e Carentes que funcionava em uma invasão do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto em um prédio na Lapa. Eles precisavam de professor de inglês e eu me ofereci para assumir a turma. Era um grupo grande, com cerca de 50 alunos, quase todos mais velhos do que eu, que tinha 17 anos na época. Aquilo foi um grande desafio. Na véspera das aulas eu não conseguia dormir e entrava em sala com um friozinho no estômago. Pouco depois o curso teve que ser deslocado e eu, já não lembro mais bem por que caminhos, associei-me a outro grupo de pré-vestibular comunitário no Morro dos Macacos. As aulas aconteciam no Centro Comunitário, na entrada do morro.

Fiquei muito próxima dos alunos porque acompanhava muito de perto as dificuldades recorrentes com falta de professor. Além das aulas de Inglês e Redação, eu me juntava a eles em grupos de estudo de outras disciplinas. Como eu tinha feito vestibular há pouco, chegava mesmo a me arriscar em questões de física e matemática, disciplinas “crônicas” para as quais nunca conseguíamos docentes voluntários. Depois de um ano passei à coordenação do curso e lá estive por cerca de dois anos. Esta foi minha primeira experiência com docência, muito diferente,

claro, da que tenho hoje. As turmas eram pequenas, os alunos eram inteiramente devotados às aulas e havia grande envolvimento pessoal com boa parte deles. Como eu passava o dia no pré, recebia convite para almoçar na casa dos alunos e, assim, eu conhecia as famílias, os vizinhos, a casa. Ainda hoje tenho contato com um grupo pequeno, que conseguiu ingressar na faculdade. Já fui na formatura de dois deles e fiquei muito emocionada porque eu tinha idéia clara do significado daquele ritual para eles e também porque tinha participado de um momento crucial daquela trajetória.

Mais tarde, já na época do Doutorado, ofereci uma espécie de curso livre de Sociologia em uma escola particular de Ensino Médio. Em seguida, procurei a minha antiga escola de Ensino Médio e propus um curso nos mesmos moldes. Eles julgaram conveniente já se antecipar à incorporação da Sociologia no ensino Médio e adotaram a minha proposta para um curso regular. Estive lá por quase dois anos, até ser aprovada para uma bolsa de pós-doutorado na UFF. Pouco depois aconteceu o concurso para o IFCS.

Helga Cahya: Em 2003, no segundo ano do doutorado, recebi um convite para ingressar no Departamento de Sociologia da PUC, do qual me desvinculei em setembro do ano passado. Imaginem minha satisfação em retornar à instituição na qual havia estudado, desta feita como professora! Foram anos de intensa ralação que, ao fim e ao cabo, me proporcionaram bastante jogo de cintura em sala de aula – afinal, ministrar Sociologia para turma de formando de Administração de Empresas exige um tanto de criatividade.

Em compasso com a questão anterior, não posso deixar de destacar a sólida formação teórica que o IUPERJ proporciona. Reparem que parte significativa dos aprovados na atual leva de concursos passou por lá. A Sociologia, sabemos, é uma disciplina profundamente tributária a seus pais fundadores; daí que saber discorrer com propriedade sobre Marx, Weber e Durkheim costuma ser fundamental em qualquer processo seletivo. Tanto no Mestrado, como no Doutorado, o diálogo com os clássicos esteve na ordem do dia. Sem dúvida, isso foi fundamental para mim, que fiz concurso para a área de Teoria Sociológica. Mas não foi fácil. Concurso é uma maratona. Ou melhor, uma “maratona lotérica”. Tanto que sempre que alguém me diz que está estudando para concurso, eu digo: reserve uma hora do dia para exercícios físicos. Porque não basta preparo intelectual; é necessário, também, disposição física. Bom, entre a pilha de livros e os cotidianos exercícios para coluna eu consegui ingressar no quadro docente do Departamento de Sociologia do IFCS. Aliás, outra coisa bacana em relação às gerações precedentes: aquele papinho de concurso armado para Fulano ou Beltrano ainda rola, é claro, mas vem tornando-se cada vez menos comum. Eu me tornei professora daqui sem jamais ter estudado na instituição e sem qualquer vínculo com a banca. E não fui a única, evidentemente. Quem teve a oportunidade de acompanhar os dois últimos concursos que rolaram no Departamento de Política - vencidos, aliás, por professoras que fizeram Mestrado e Doutorado no IUPERJ – viu o critério meritocrático atropelando qualquer favoritismo prévio.

Revista Habitus: Quais são seus novos planos de pesquisa?

Cristina Buarque: Ainda estou vinculada ao recorte temporal da minha tese de Doutorado, depois de quatro anos de imersão completa em bibliografia e arquivos da Primeira República. Seguirei ainda um pouco por aí, explorando materiais que acumulei e ainda não tive tempo de explorar. Sinto-me “em dívida”, por exemplo, com o Rui Barbosa e penso em avançar numa investigação biográfica sobre ele, como parte do desenvolvimento de um projeto de pesquisa para a FAPERJ. Rui foi um personagem que inspirou amores e rancores e existe pouca coisa escrita sobre ele a partir de um olhar mais sereno e desapaixonado.

Em paralelo a isso, pretendo também explorar os temas da cidadania e dos direitos na cena contemporânea. Esta agenda de trabalho, que ainda precisa ser melhor definida, será desdobramento de uma pesquisa comparada que acabo de concluir sobre modelos de transição política para a democracia no Brasil, na Argentina, na África do Sul e no Timor Leste.

Helga Cahya: Acabo de ter meu projeto de Auxílio Instalação aprovado pela FAPERJ, e estou iniciando uma pesquisa sobre censura teatral no Segundo Reinado. Trata-se, especificamente, de um estudo sobre os pareceres censórios elaborados pelo Conservatório Dramático, órgão oficial de censura teatral durante os anos de 1881 e 1889. Este projeto visa abordar as relações entre os conceitos de honra, cidadania e censura durante o período, de modo a perceber como se processava a articulação entre essas três noções em uma sociedade na qual as classes dirigentes buscavam tomar exclusivamente para si a tarefa de construção da nacionalidade. Este projeto me ocupará por um ano. Paralelamente, estou elaborando um outro que tem como objetivo uma análise comparativa entre *Casa Grande & Senzala*, *Retrato do Brasil* e *Populações Meridionais do Brasil* - Freyre, Paulo Prado e Oliveira Vianna, respectivamente. Mas essa frente de pesquisa está ainda em fase embrionária, por isso não me estenderei sobre ela.

Revista Habitus: Por fim, pedimos que apontem um livro que marcou sua trajetória intelectual.

Cristina Buarque: O livro que marcou meu apaixonamento pelas Ciências Sociais, ainda na época da graduação, foi o *Raça e História*, do Lévi Strauss. Muitos outros vieram depois, mas vocês pediram para escolher um...

Helga Cahya: A obra que destaco não influenciou somente minha trajetória acadêmica; mais do que isso, ela se tornou decisivo também em minha vida pessoal. Trata-se de *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*: o contexto de François Rabelais, do teórico russo Mikhail Bakhtin. Este livro me deixou em paz comigo mesma, quase um livro de auto-ajuda! Brincadeiras à parte, ele me fez compreender minha própria inadequação a certos rumos do processo civilizador. Se eu sempre me achei a própria refutação da tese do Norbert Elias,

Bakhtin me explicou o porquê. Ele me fez entender o potencial crítico por trás do riso, da hipérbole, da escatologia – enfim, daquilo tudo que não raramente é rejeitado como mero hedonismo ou, pior, como vulgaridade pura e simples. Vulgar para quem, cara pálida?! Vulgar a partir de qual tradição? E, do ponto de vista intelectual, ajudou-me a elaborar um olhar sobre as práticas populares até então vedado para alguém que, como eu, fora formada em uma tradição frankfurtiana. É claro que Adorno permanece uma referência importantíssima para mim, mas penso que essa tradição intelectual acaba por nos levar a uma encruzilhada: adesão acrítica ou recusa radical da moderna cultura de massas. Bakhtin me ensinou a evitar estes extremos, apresentando uma perspectiva teórica que possibilita que compreendamos não apenas algumas diretrizes fundamentais da cultura popular, mas também como elas ainda podem se fazer presentes mesmo naqueles produtos *made in* indústria cultural. Em resumo, pessoal e intelectualmente, ele me tornou mais generosa e, nem por isso, menos crítica. 🌱

Entrevista realizada por: Juliana Marques da Silva e Mayã Martins.